

cidadaes

Jornal do Commercio Recife, 16 de setembro de 2007 - domingo www.jc.com.br/cidades

» BAIRRO DO RECIFE



Renato Spencer/JC Imagem

MUDANÇA Edifício Luciano Costa terá fachadas pintadas de branco

COMBOGÓ

ESCONDIA IMPONÊNCIA DE PRÉDIO

Imóvel, situado no Bairro do Recife, vai ganhar projeto de restauração. Proprietários vão recorrer ao Iphan para buscar linha de financiamento

O Edifício Luciano Costa, no Bairro do Recife, que era coberto por uma cortina de combogós, terá fachadas lavadas e pintadas de branco. De acordo com Marta Costa de Rooy, uma das proprietárias do prédio, a intervenção é temporária. "Estamos aguardando o projeto de restauração, para executar a obra definitiva. A cor branca vai destacar as partes que precisam ser recuperadas." Os elementos vazados das fachadas foram retirados em 2006 porque estavam desabando e ofereciam risco à população.

Marta Costa pretende contratar o escritório do arquiteto Jorge Passos, especialista em restauração de prédios históricos, para elaborar o projeto de recuperação da fachada. O assunto vem sendo negociado com o arquiteto. "Não temos idéia do valor necessário para a obra. Vamos precisar de empréstimo", declara. Os proprietários estão em busca de linhas de financiamento, com ajuda do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). No momento, ela está levantando os custos do serviço de limpeza e pintura do imóvel.

"O prédio é bem conservado internamente e vai ficar lindo depois de restaurado. Temos todo o interesse na obra", destaca Marta Costa. Construído entre 1915 e 1920, o edifício tem três pavimentos e arquitetura eclética (mistura de vários estilos), que ficou resguardada por trás dos elementos vazados. A fachada de combogós foi projetada pelo arquiteto português naturalizado brasileiro

Delfim Amorim (1917-1972) em 1959 e implantada em 1960, para modernizar o prédio, a pedido do proprietário do imóvel, Luciano Costa Júnior.

Na década de 30, o edifício funcionou como sede do Banco Agrícola e Comercial. Depois, abrigou parte da Alfândega. Em 1945 foi adquirido por Luciano Costa, avô de Marta Costa de Rooy. Sempre teve uso comercial e as salas, hoje, são ocupadas com escritórios de informática, de usina e de empresa de propaganda. "Com a remoção dos combogós, não há mais riscos de acidente. As peças apresentavam danos e não estávamos encontrando outras para fazer a reposição", diz ela. O edifício ocupa um quarteirão na Rua Dona Maria César.

POLÊMICA

A remoção dos combogós demorou sete meses e causou polêmica no Recife. Houve debates entre arquitetos e o assunto foi parar no Ministério Público, em 2001. Uns defendiam a permanência dos elementos vazados, por fazer parte da memória da cidade, e outros sugeriam a retirada dos combogós, alegando que a solução encontrada por Delfim Amorim era provisória. Em 1960, quando o arquiteto envolveu o prédio com combogós, a arquitetura eclética não era valorizada no Brasil. A solução encontrada por Delfim Amorim preservou a fachada original, mas as paredes apresentam danos. A parte térrea do edifício está descaracterizada.